

Nessa época, as desordens eram comuns e não se passavam muitos dias sem que uma ou outra cidade registrasse em seus anais algum acontecimento desse gênero. Havia os senhores que guerreavam entre si; havia o rei que guerreava contra o cardeal; havia o Espanhol que guerreava contra o rei.¹³ Além disso, afora essas guerras em surdina ou públicas, secretas ou ostensivas, havia também os ladrões, os mendigos, os huguenotes, os lobos e os lacaios, que guerreavam contra todos os demais. Os burgueses continuavam a armar-se contra os ladrões, contra os lobos, contra os lacaios — muitas vezes contra os nobres e huguenotes —, algumas vezes contra o rei, mas jamais contra o cardeal e o Espanhol. Resultou então desse hábito adquirido que, na supracitada primeira segunda-feira do mês de abril de 1625, os burgueses, ouvindo barulho e não vendo nem o estandarte amarelo e vermelho¹⁴ nem o séquito do duque de Richelieu, acorreram à estalagem do Franc Meunier.

Lá chegando, puderam todos ver e identificar a causa daquele rumor.

Um rapaz... tracemos seu retrato de uma penada: imaginem dom Quixote aos dezoito anos, dom Quixote sem peitoral, sem loriga e sem perneira, dom Quixote num gibão de lã cuja tonalidade azul transformara-se numa mistura indescritível de borra de vinho com azul-celeste. O rosto comprido e moreno; a maçã do rosto saliente, sinal de esperteza; os músculos do maxilar superdesenvolvidos, indício infalível pelo qual reconhecemos o gascão mesmo sem boina, e o moço usava uma boina enfeitada com uma espécie de penacho; olhar franco e inteligente; um nariz adunco, mas finamente desenhado; alto demais para um adolescente, baixo demais para um homem feito, e a quem um olho de pouco treino teria tomado pelo filho de um fazendeiro em viagem, exceto pela longa espada, que, pendurada num boldrié de pele,

13. Trata-se, a rigor, de um anacronismo, pois a guerra entre a Espanha e a França começou apenas em 1635, enquanto a ação do romance se passa em 1625. No entanto, a guerra franco-espanhola pode ser entendida como um desdobramento da Guerra dos Trinta Anos (1618-48), travada entre as principais potências europeias da época e motivada tanto por questões religiosas como territoriais. De qualquer forma, em 1635, o cardeal de Richelieu declarou guerra ao reino espanhol por ele ser, embora católico como a França, dominado pelos Habsburgo, cuja supremacia estendia-se, além da Áustria, base de seu império, também a várias outras regiões da Europa Central. A essência da guerra, portanto, era um conflito imperialista entre os Habsburgo e a França, que teve reflexos por quase todo o continente. A hegemonia continental dos Habsburgo acabou, efetivamente, sendo contida pela França e seus aliados. O embate franco-espanhol, no entanto, estendeu-se além da própria Guerra dos Trinta Anos, agora por questões ligadas à aliança francesa com Portugal, que enfrentava conflitos territoriais com a Espanha. Seu fim veio apenas com o Tratado dos Pireneus, em 1659, quando tanto Richelieu (1585-1642) quanto Luís XIII (1601-43) já estavam mortos.

14. As cores da bandeira espanhola.

batia nas panturrilhas de seu proprietário quando ele estava a pé e no pelo arrepiado de sua montaria quando estava a cavalo.

Pois o nosso mancebo possuía uma montaria, e essa montaria era de tal forma notável que logo foi notada: era um pangaré do Béarn, com doze ou catorze anos de idade, amarelado, sem crinas no rabo, mas não sem gabarros nas patas, e que, apesar de marchar com a cabeça mais baixa que os joelhos, o que tornava inútil o uso do cabresto, ainda fazia regularmente seus quarenta quilômetros diários. Infelizmente, as qualidades do animal ficavam tão bem-escondidas sob seu pelo estranho e aspecto incongruente que, numa época repleta de peritos em cavalos, a aparição do supracitado pangaré em Meung, onde entrara fazia uns quinze minutos pela porta de Beaugency, gerou um sentimento de menosprezo que recaía também sobre seu cavaleiro.

E esse sentimento havia sido de tal forma penoso para o jovem d'Artagnan (assim se chamava o dom Quixote desse outro Rocinante) que ele até desistira de dissimular o aspecto ridículo que lhe conferia, por melhor cavaleiro que fosse, uma cavalgadura daquelas. Da mesma forma, com um grande suspiro, aceitara aquele presente do sr. d'Artagnan pai. O jovem não ignorava que semelhante animal valia pelo menos vinte libras e, verdade seja dita, as palavras que acompanharam o presente não tinham preço:

— Meu filho — dissera o fidalgo gascão, naquele puro sotaque do Béarn do qual Henrique IV nunca conseguira se livrar¹⁵ —, esse cavalo nasceu na casa de seu pai, já se vão quase treze anos, e aqui permaneceu desde essa época, o que o obriga a amá-lo. Não o venda nunca, deixe-o morrer tranquila e honradamente de velhice e, se for levá-lo para a batalha, trate-o como trataria um velho criado. Na corte — continuou o sr. d'Artagnan pai —, se porventura tiver a honra de lá se apresentar, honra à qual, em todo caso, sua velha nobre-

15. O Béarn é uma antiga província francesa, situada no sopé dos montes Pireneus e vizinha à Gasconha. Henrique IV (1553-1610) nasceu no castelo de Pau, localizado na capital do Béarn. Essa região e a Gasconha, entretanto, são frequentemente tratadas como se fossem uma coisa só, sendo portanto indiferente a Dumas dizer que seus personagens são gascões ou bearneses. Juntas, entre outras, essas regiões formam o departamento dos Pireneus-Atlânticos.

Henrique IV (1553-1610) foi o primeiro rei da França pertencente à dinastia dos Bourbon, e era o pai de Luís XIII. Protestante a princípio, assumiu o trono nominalmente em 1589, mas ainda sob forte resistência das forças católicas, que ocupavam Paris e o mantinham afastado do centro do poder. Para conseguir o apoio que lhe permitisse de fato governar, em 1593 converteu-se ao catolicismo, justificando sua decisão com a famosa frase: “Paris bem vale uma missa”. Assinou o édito de Nantes, que concedia liberdades religiosas aos protestantes e que, na prática, acabou com a guerra civil na França. Em grande parte pela tolerância religiosa incomum na época, tornou-se, durante seu reinado e depois, um soberano extremamente popular. Mas também o foi por promover o bem-estar econômico de seus súditos. Foi assassinado por um homem com perturbações mentais, o católico fanático Ravailac. Conhecido como Henrique, o Grande, era informalmente chamado também de “o Bom”.

za o habilita, defenda dignamente seu nome de fidalgo, dignamente sustentado por seus ancestrais há mais de quinhentos anos. Por você e pelos seus — pelos seus, quero dizer os parentes e amigos —, não tolere nada a não ser do sr. cardeal e do rei. É com bravura, preste atenção, e com bravura apenas, que um fidalgo abre caminho nos dias de hoje. Aquele que vacila um segundo talvez esteja deixando escapar o anzol que, justamente durante aquele segundo, a fortuna lhe estendia. Você é jovem, e deve ser um bravo por duas razões: a primeira é por ser gascão, e a segunda, por ser meu filho. Não se furte às oportunidades e procure as aventuras. Ensinei-lhe o manejo da espada; você tem um jarrete de ferro, um punho de aço. Bata-se por qualquer motivo, ainda mais que os duelos estão proibidos¹⁶, havendo, por conseguinte, duas vezes mais coragem em se bater. Só tenho para lhe dar, meu filho, quinze escudos, meu cavalo e os conselhos que acaba de ouvir. A isto sua mãe acrescentará a receita de certa pomada que ela recebeu de uma cigana, cuja virtude milagrosa pode curar qualquer ferida que não seja do coração. Faça bom uso de tudo, viva alegremente e por muito tempo. Tenho apenas mais uma palavra a acrescentar, e é um exemplo que lhe ofereço, não o meu, considerando que nunca estive na corte e só participei das guerras de religião¹⁷ como voluntário. Refiro-me ao sr. de Tréville, que foi meu vizinho no passado e teve a honra de, ainda criança, brincar com nosso rei Luís XIII, que Deus o guarde! Às vezes suas brincadeiras degeneravam em confronto, e nesses confrontos nem sempre o rei era o mais forte. Os golpes que recebeu só fizeram aumentar sua estima e amizade pelo sr. de Tréville. Mais tarde, o sr. de Tréville bateu-se com outros: em sua primeira viagem a Paris, cinco vezes; depois da morte do finado rei e até a maioridade do jovem, sem contar as guerras e os cercos, sete vezes; e, desde a maioridade real até hoje, cem vezes, quem sabe! Assim, apesar dos éditos, das ordenações e dos decretos, eilo capitão dos mosqueteiros, isto é, chefe de uma legião de césares, que contam com grande apreço do rei e que o cardeal teme — ele que não teme muita coisa, como todos sabem. Além disso, o sr. de Tréville ganha dez mil escudos por ano; logo, é um poderoso grão-senhor. Começou igual a você, procure-o com esta carta e espelhe-se nele, a fim de agir como ele.

Nesse ponto, o sr. d'Artagnan pai afivelou em seu filho sua própria espada, beijou-o carinhosamente nas duas faces e deu-lhe a bênção.

16. A proibição dos duelos era uma das principais disposições, embora pouco obedecida, de um decreto de Henrique III (1551-89), primo de Henrique IV e seu antecessor no trono. Em 1617, Luís XIII reeditou os decretos. Nesse ano, um nobre bretão, o barão de Grémadeuc, foi decapitado por tê-los infringido. E Richelieu era efetivamente severo na aplicação dos decretos reais.

17. Nome dado aos conflitos que, por quase cem anos (1502-98), sacudiram a França e outros países europeus, devido à rivalidade entre católicos e protestantes. Além de motivadas por princípios religiosos, foram também enfrentamentos territoriais, envolvendo muitas vezes os tronos de vários reinos e a própria hegemonia do sistema monárquico.

Ao sair do quarto paterno, o rapaz encontrou a mãe, que o esperava com a famosa receita, da qual os conselhos que acabamos de reportar sugeriam um uso bastante frequente. As despedidas, desse lado, foram mais longas e carinhosas do que haviam sido do outro, não que o sr. d'Artagnan não amasse seu filho, que era sua única prole, mas o sr. d'Artagnan era um homem, e teria visto como indigno de um homem entregar-se à emoção, ao passo que a sra. d'Artagnan era mulher, e, além de tudo, mãe. Ela chorou abundantemente, e mencionemos, à guisa de elogio ao sr. d'Artagnan filho, que, não obstante seus esforços para permanecer firme como devia ser um futuro mosqueteiro, a natureza venceu, e ele acabou derramando muitas lágrimas, metade das quais conseguiu esconder com grande dificuldade.

No mesmo dia, o rapaz pôs-se a caminho, equipado com os três presentes paternos, que se compunham, como dissemos, de quinze escudos, do cavalo e da carta para o sr. de Tréville. Como se pode deduzir, os conselhos vieram de brinde.

Com esse vade-mécum, d'Artagnan viu-se, no plano moral e no físico, uma cópia fiel do herói de Cervantes, ao qual o comparamos com tanta precisão quando nossos deveres de historiador nos impuseram a necessidade de traçar seu perfil. Dom Quixote tomava os moinhos de vento por gigantes e os carneiros por exércitos, d'Artagnan encarava cada sorriso como um insulto e cada olhar como uma provocação. Daí resultou que manteve o punho fechado desde Tarbes até Meung, encaixando a mão no copos da espada dez vezes ao dia. Todavia, o punho não desceu sobre nenhum maxilar, e a espada não saiu da bainha. Não é que a visão do lastimável pangaré amarelo não fizesse desabrochar muitos sorrisos nos rostos dos passantes, mas, como em cima do pangaré retinia uma espada respeitável e em cima dessa espada brilhava um olho mais feroz que orgulhoso, os passantes reprimiam sua hilaridade, ou, caso a hilaridade vencesse a prudência, tratavam pelo menos de rir de um lado só, como as máscaras antigas. D'Artagnan permaneceu então majestoso e intocado em sua suscetibilidade até a aldeia de Meung.

Lá, porém, enquanto apeava do cavalo na porta do Franc Meunier, sem que ninguém, estalajadeiro, garoto ou palafreireiro, tivesse vindo agarrar o estribo do lado esquerdo da montaria, d'Artagnan percebeu, numa janela entreaberta no rés do chão, um fidalgo de bela estatura e aspecto altivo, embora com a expressão ligeiramente crítica, o qual conversava com duas pessoas que pareciam escutá-lo com deferência. D'Artagnan, muito naturalmente, como de costume, julgou ser o objeto da conversa e pôs-se a escutá-la. Dessa vez, só se enganara pela metade: não era ele que estava na berlinda, mas seu cavalo. O fidalgo parecia listar aos ouvintes todas as qualidades do animal, e como, tal qual eu disse, os ouvintes pareciam ter uma grande deferência pelo narrador, estes a toda hora caíam na gargalhada. Ora, como meio sorriso bastava para despertar a intolerância do rapaz, compreende-se o efeito que produziu sobre ele a ruidosa hilaridade.

Mas d'Artagnan quis primeiro examinar a fisionomia do impertinente que zombava dele. Fixou seu olhar orgulhoso sobre o estranho e reconheceu um homem na casa dos quarenta, quarenta e cinco anos, de olhos pretos e penetrantes, tez pálida, nariz fortemente acentuado, bigode preto e cuidadosamente aparado. Ele vestia um gibão e um calção roxos com agulhetas da mesma cor, sem nenhum ornamento senão as nesgas habituais pelas quais a camisa passava. Esse calção e esse gibão, embora novos, pareciam amarfanhados, como roupas de viagem há muito tempo guardadas num armário. D'Artagnan reuniu todas essas impressões com a rapidez do observador mais minucioso e, sem dúvida, movido por uma intuição que lhe dizia que aquele desconhecido viria a ter uma grande influência sobre seu futuro.

Ora, no momento em que d'Artagnan fixava seu olhar no fidalgo de gibão roxo, este fazia, a propósito do pangaré bearnês, uma de suas mais estudadas e incisivas gozações. Seus dois ouvintes caíram na risada, e ele mesmo visivelmente deixou, contrariando seus hábitos, errar, se assim podemos dizer, um pálido sorriso sobre seu rosto. Agora não restava mais dúvida: d'Artagnan havia sido realmente insultado. Assim, imbuído de tal convicção, ele puxou sua boina para os olhos e, tentando imitar alguns trejeitos de corte que surpreendera em fidalgos de passagem pela Gasconha, avançou, com uma das mãos na guarda de sua espada e a outra apoiada no quadril. Desafortunadamente, à medida que avançava, a raiva cegava-o cada vez mais e, em vez do discurso digno e altivo que preparara para formular sua provocação, não encontrou na ponta da língua nada a não ser uma personalidade grosseira e um gesto furioso.

— Ei, cavalheiro! — exclamou. — Cavalheiro, escondido atrás desse batedor! Sim, o senhor. Divida a piada comigo, para rirmos juntos.

O fidalgo desviou lentamente os olhos da montaria para o cavaleiro, como se precisasse de um certo tempo para compreender que a ele se dirigiam tão estranhas interpelações. Então, quando não lhe restava mais nenhuma dúvida, suas sobrancelhas franziram-se ligeiramente e, após uma longuíssima pausa, respondeu a d'Artagnan num tom de ironia e insolência impossível de descrever:

— Não estou falando com o senhor, cavalheiro.

— Mas eu estou falando com o senhor! — exclamou o rapaz, exasperado diante daquele misto de insolência e boas maneiras, salamaleques e desdém.

O desconhecido olhou-o ainda por um instante com seu sorriso sarcástico. Então, deixando a janela, saiu lentamente da estalagem para se postar a dois passos de d'Artagnan e se plantar diante do cavalo. Seu aspecto tranquilo e sua fisionomia trocista haviam redobrado a hilaridade daqueles com os quais conversava e que, por sua vez, haviam ficado na janela.

D'Artagnan, ao vê-lo aproximar-se, sacou sua espada um palmo fora da bainha.

— Esse cavalo realmente é, ou melhor, foi uma flor de ouro em sua juventude — emendou o desconhecido, continuando sua vistoria e dirigindo-se



Chegada de d'Artagnan a Meung.

aos seus ouvintes da janela, sem dar nenhuma mostra de perceber a exasperação de d'Artagnan, que no entanto estava entre ele e os dois outros. — A cor dele é conhecidíssima em botânica, mas raríssima num cavalo até este momento.

— Aquele que ri do cavalo não se atreveria a rir de seu dono! — exclamou o êmulo de Tréville, furioso.

— Não rio com frequência, cavalheiro — prosseguiu o desconhecido —, como pode constatar por si mesmo pela minha cara. Em compensação, faço questão de conservar o privilégio de rir quando me apraz.

— E eu — bradou d'Artagnan — não permito que se riam quando não me apraz!